

POBREZA E DESIGUALDADE NA FAVELA: PESQUISA ETNOGRÁFICA EM FAVELA CARIOCA

Aluno: Jônatas de Assis

Orientadora: Maria Sarah Silva Telles

Introdução

Sabemos que a desigualdade social é uma das marcas negativas da sociedade brasileira. Na cidade do Rio de Janeiro, observar este problema não requer, em princípio, muito esforço, pois quem conhece a cidade pode identificar quais são os locais em que essa desigualdade é nítida, o que se espera encontrar em uma favela ou em um bairro tradicional. Porém, a desigualdade e as diferenças se encontram presentes em todas as classes sociais.

Na perspectiva do senso comum, as favelas apresentariam poucas ou nenhuma diferença tanto em sua organização, quanto na habitação e no que diz respeito aos seus moradores. Todavia, muitas pesquisas e trabalhos acadêmicos procuram mostrar que as favelas apresentam uma configuração tão complexa quanto a cidade na qual está inserida. Esta pesquisa, sendo de cunho etnográfico, procura analisar as dinâmicas sócio-espaciais dentro dessas comunidades. Alcançando as zonas mais pobres e as aquelas mais estabilizadas da favela, procuramos observar com maior precisão o sentimento dos moradores sobre a vida na favela, as diferenças entre eles, a noção de pobreza e a segregação de suas habitações.

Desenvolvimento da Pesquisa

No início do nosso trabalho nos dedicamos à leitura da bibliografia especializada, pesquisando as questões afins para aplicarmos na nossa pesquisa. A maioria das pesquisas consultadas utilizou o método da observação participante para colher informações. Algo que foi importante para nós durante a leitura dessas etnografias, foi perceber a forma de atuação do pesquisador, sobretudo sua maneira de entrevistar e chegar ao campo. Destacar esses detalhes foi fundamental, pois apesar de já ter realizado pequenos trabalhos de campo para outros cursos ao longo da minha graduação, esta pesquisa representa uma grande responsabilidade para mim, como bolsista de iniciação científica. Por isso a importância de atentar para os detalhes das experiências de outros cientistas sociais já consagrados na área.

Nossa primeira ida a campo aconteceu em dezembro de 2008. A favela escolhida está localizada na zona oeste do Rio de Janeiro, e o motivo da escolha desta favela se deu pelo conhecimento prévio do local por parte da coordenadora deste projeto.

As grandes favelas costumam ter seu território recortado em várias áreas, estas por sua vez se diferenciam umas das outras por sua autonomia que é expressa nas condições econômicas, sociais e de infra-estrutura. Dessa forma, segue-se uma classificação dentro da comunidade dos locais que são mais e menos importantes e o mesmo processo acontece com os moradores dos respectivos locais. Nas nossas idas a campo procuramos entender essa disposição territorial mais profundamente através das entrevistas e buscar as impressões dos moradores sobre o local onde vivem, como veem essa disposição territorial, o que pensam dos demais moradores da favela e do sistema de organização comunitário, no caso, a Associação de Moradores.

No meu primeiro dia de trabalho de campo na favela da zona oeste nos dirigimos inicialmente para a casa de uma colega de nossa orientadora a qual nos concedeu diversas informações sobre a comunidade e nos levou a outros moradores conhecidos seus. A essa moradora atribuirei o papel de *Doc*, utilizando o termo de Foote-White (1), para destacar sua

importância como uma fonte de informações sobre o local e uma maneira de facilitar nossas abordagens ao longo dos trajetos dentro da favela. Após este primeiro contato, fomos até a região mais pobre da favela, aonde a maioria das habitações são barracos feitos de madeira, construídos sobre aterros devido ao solo da região ser movediço e sofrer com inundações vindas das frequentes cheias do rio que corta essa parte da favela. Esta primeira ida a campo foi uma experiência muito importante, pois o contato com os entrevistados e o fato de estar dentro do local de pesquisa faz com que habilidades diferentes apareçam, tornando a pesquisa mais agradável e produtiva.

A comunidade estudada até o momento tem um histórico recente em relação às outras favelas do Rio de Janeiro: sua formação data do final da década de 1960 e a construção do território também apresenta algo peculiar. Nesta favela a Associação de Moradores assumiu o papel de reguladora do espaço se tornando uma extensão ambígua do poder público, hoje denominado milícia. Nesta favela de Rio das Pedras teve início a milícia da cidade do Rio de Janeiro.

Para conhecer também outras sub-áreas da favela e analisar as diferenças entre os locais e os moradores, entrevistamos pessoas residentes em diferentes sub-áreas. É interessante notar que dentro da favela o local onde a casa se encontra confere ao morador uma posição na escala social, pois o *lugar social está objetivado no espaço, que se converte, ele mesmo, em fonte de disputa simbólica entre os moradores.*(2) O morador que tem acesso aos serviços como água, luz, esgoto, telefone, que mora próximo de um posto de saúde, do supermercado, do ponto de ônibus, se diferencia dos demais e mesmo que não possua acesso a todos eles, o fato de ter acesso a um ou dois serviços básicos já confere um significado de melhora em sua situação social, já que existem outros que vivem em extrema pobreza.

Sobre os que vivem em extrema pobreza, falamos acima um pouco sobre a região onde eles habitam. Quando visitamos o local conhecemos uma família que vivia em um barraco muito pequeno, a família era constituída do casal e mais quatro filhos, todos menores de idade. Um dos pontos que nos chamou atenção nesse encontro foi o nível de desinformação por parte dos pais a respeito dos benefícios governamentais dos quais poderiam ter acesso, como o programa Bolsa Família (PBF), por exemplo. Esse fato remete à importância da rede social e dos contatos baseados na informalidade. Por estarem situados em uma região muito pobre, esses moradores estão “longe” do acesso às pessoas, às informações para não falar das instituições que poderiam lhes proporcionar melhorias em sua situação de vida ou para seus familiares. Muitas vezes o simples contato com um único parente ou amigo que vive em melhores condições na favela pode resultar em um emprego melhor, uma escola melhor ou uma mudança para uma casa situada em uma região mais estabilizada da favela. Todavia, muitos desses moradores são migrantes de primeira geração, do nordeste do país, que chegaram ali sem saber nada sobre o local, simplesmente decidiram migrar em busca de melhores condições. E como em cidades próximas dos seus locais de origem existe uma linha de ônibus que faz o transporte direto para a favela, tentar a vida em uma capital como o Rio de Janeiro é uma opção e um risco que consideram que vale a pena.

Conversando ainda esta família ficamos sabendo sobre os valores que são pagos para morar naquela área da comunidade. O que mais ficou marcou nessa entrevista foi a exploração por parte dos donos daqueles terrenos sobre aqueles moradores, através dos preços dos aluguéis e de venda cobrados. Nossa informante planejava comprar o lote, porém devido ao alto custo e com todas as despesas sendo elas aumentadas por ter quatro filhos pequenos, a compra era quase impossível. Trabalhando como diarista sem carteira assinada e o marido atuando temporariamente como servente na favela, a possibilidade de conseguir empréstimo em alguma instituição financeira é praticamente nula. Só lhes restauram a opção pelo aluguel do barraco.

A especulação imobiliária dentro da favela é algo que impressiona quando constatamos fatos como o que foi colocado acima. Muitas pessoas lucram muito com esse tipo de negócio, chegando a viver praticamente disso. A locação - de barracos e kitinetes - gera a possibilidade de uma ascensão social dentro da favela e a prática, mesmo sendo marcada pela exploração, tem sua legitimidade se tudo estiver conforme as regras que são estabelecidas pela Associação de Moradores. Em outra entrevista, um professor de Ensino Fundamental e Médio, morador da favela, onde nasceu há 26 anos, ex-aluno da PUC-Rio, nos informou que o aluguel é tido como uma renda extra e também emergencial caso algo repentino aconteça, como o desemprego, nas palavras do entrevistado: “...mas qual a mentalidade do rio pedrense, vou juntar e comprar o primeiro kinitete, eu vou juntar e comprar o segundo kinitete, depois que ele tiver o terceiro kinitete, ele não está rico mas se for ficar desempregado está tranquilo com a renda de 1400 contos... 350 é o aluguel do kinitete.”

A favela que pesquisamos até o momento se diferencia de outras na cidade como já dissemos, por sua formação recente e pela construção e organização do seu território que é regulada pela Associação de Moradores. Durante nossas entrevistas buscamos saber mais dos moradores sobre essa organização e o que a torna tão importante na favela. A Associação é um ente regulador da dinâmica social e comercial da comunidade, atuando como uma extensão do poder público, porém é o poder coercitivo da Associação que a torna tão importante dentro da favela, já que atua como milícia, conferindo à comunidade uma “estabilidade conjuntural” frente às favelas dominadas pela disputa do tráfico de drogas e em conflito com a polícia militar e civil. Em Rio das Pedras, integrantes das corporações policiais fazem a segurança ilegalmente, em uma forma de poder paralelo.

O controle social e a regulação do espaço por parte da Associação estão bem apresentados no artigo de Burgos, que foi resultado de uma pesquisa anterior feito na mesma favela. Dentre os papéis da Associação está o de mediadora de conflitos entre os moradores. Esses problemas estão relacionados, principalmente, à construção de casas e a questões familiares: caso alguém se sinta prejudicado com a obra de um vizinho ou se espaço da rua estiver sendo invadido por alguma obra, recorrer à Associação é a forma mais eficaz de ter os problemas e desavenças ajustadas. Além disso, a Associação também se apresenta como uma instância moral, e patrocina alguns projetos culturais e esportivos.

A importância do estudo das trajetórias

Para as entrevistas criamos um roteiro baseado nas trajetórias dos entrevistados, procuramos dar ênfase a este assunto já que os relatos de vida possibilitam novas descobertas sobre a própria pesquisa gerando novas questões e temas que podem ser explorados nos trabalhos de campo seguintes.

Nosso objetivo nas entrevistas era conhecer as famílias e conversar com membros de diferentes gerações, dessa maneira teríamos a complementação dos relatos, por exemplo, se entrevistássemos mãe e filha. Seguindo esse método, há a possibilidade de entender melhor o grupo familiar, entrevistar apenas um membro muitas vezes limita a compreensão da dinâmica e das relações do grupo com a comunidade ao redor.

A técnica utilizada foi também a base do trabalho de doutorado de Maria Inês Caetano Ferreira, quando analisou as trajetórias de moradores de uma favela na capital de São Paulo. Ferreira sinaliza que a importância do estudo dos grupos familiares está nos questionamentos, nas resistências e conflitos que surgem dentro da família e também porque: *as histórias das famílias possibilitam desvendar os mais complexos processos de dominação social. Por isso os relatos dos grupos permitiram captar as mais diversas formas de estabelecer as interações com a cidade, a apropriação de seus bens e as inúmeras estratégias para lidar com os*

possíveis bloqueios.(3). Portanto, a oportunidade para ouvir os entrevistados abre uma porta para o entendimento da sociedade no sentido de dentro para fora: através dos relatos ficamos sabendo um pouco sobre o sistema do mercado de trabalho formal e principalmente o informal, sobre os sistemas públicos de saúde e educação, como os moradores observam a cidade além dos limites da favela e o que pensam das diversas opiniões que são difundidas pelos meios de comunicação e pessoas residentes de outros bairros sobre a comunidade e seus moradores.

Em uma das entrevistas, conversei com um rapaz filho de nossa principal informante na favela. Essa entrevista não foi muito longa, mas alguns assuntos, como trabalho e família foram pontos que ficarão bem marcados. O que me chamou atenção nesse encontro foi que não ouvi muitas coisas que seriam esperadas de um jovem que acabou de sair da adolescência, como o foco na diversão e no descompromisso com o trabalho. Ele revelou uma preocupação com sua família, principalmente por causa da mãe que está grávida. Trabalho, família, religião e demais temas são esperados quando fazemos entrevistas seguindo o método de trajetórias. Todos eles interagem entre si e assim espera-se entender melhor o coletivo através desses relatos individuais, sejam eles dos pais, filhos ou avós. Podemos compreender melhor o que aconteceu em uma época e observar o funcionamento da sociedade de uma forma diferente através dessas histórias de vida. As narrativas trazem acontecimentos a partir de um encadeamento situado numa esfera micro-social, o que nos ajuda a perceber os detalhes, o que não acontece quando escolhemos trabalhar com amostras em grande escala.

Outro fator importante que Ferreira destaca em seu trabalho é a importância da rede social. A autora destaca esse ponto relacionando principalmente com o mercado de trabalho, que nesse meio não funciona de maneira impessoal, entregando currículos ou através da divulgação dos meios de comunicação. São as indicações dos parentes e dos amigos que são os principais mecanismos de funcionamento nesse tipo de sistema. Aliás, os contatos que cada indivíduo possui têm importância fundamental nos acessos aos serviços, estejam eles na favela ou fora dela, para uma melhor colocação no mercado de trabalho, e no caso dos moradores de Rio das Pedras que vivem na subárea do Pantanal, para conseguir uma casa em uma área mais estabilizada da comunidade.

As entrevistas que fizemos foram para mim a parte mais marcante da pesquisa até o momento. Poder estar no campo em contato com todas as pessoas que conhecemos foi algo que me levou para outro lado da ciência que tenho estudado, isso porque quando deixamos o ambiente da faculdade, da sala de aula, quando nos afastamos da orientadora, criamos expectativas, imaginando como vai ser, tentamos prever as dificuldades que às vezes não aparecem, ou quando aparecem não estavam previstas e é nesse momento que a criatividade se torna fundamental. O que torna o campo ainda mais interessante é justamente essas surpresas, pois isso traz à tona habilidades desconhecidas e dá ao trabalho o toque pessoal.

Quando conversei com os moradores de Rio das Pedras, todos foram muito solícitos em nos atender. Algumas entrevistas foram longas, mas mesmo assim no momento que estamos realizando-as o que mais queremos é isso, que o informante se sinta à vontade e fale, mesmo que muitas vezes fuja do assunto. Após o término das entrevistas e quando paramos para refletir, colocando nossos sentimentos no diário de campo, percebemos que o tempo que tiramos das famílias com as entrevistas deve ser muito bem aproveitado, afinal ninguém se sentiria contente em parar as atividades diárias para receber pessoas estranhas na própria casa e acabar sendo importunadas por elas. Esse momento de reflexão sobre o campo faz surgir uma perspectiva diferente sobre a cidade em que vivemos. Nossos entrevistados vivem em uma comunidade em que a ordem e o poder não são estabelecidos pelos entes legalmente constituídos, e também são estereotipados negativamente pela sociedade. Todavia, o maior uso da cidade é feito por eles, se tomarmos como referências as escolas públicas e os

hospitais, e boa parte dos serviços, principalmente os manuais, também é exercida por eles. Portanto, nosso contato com os moradores de comunidades é diário, entretanto quando entramos em seus lares para entrevistar vemos que as diferenças que a grande mídia divulga entre a cidade e a favela e os preconceitos reforçados pela sociedade, são mínimos com relação ao primeiro, e exagerados sobre o segundo. Constatamos as dificuldades que, assim como eles, milhões de brasileiros enfrentam em busca de uma vida melhor, como as que são enfrentadas para conseguir um espaço para construir a casa ou obter um emprego melhor. Essas situações e tantas outras convergem para um tema que também procuramos entender melhor nessa pesquisa que são as estratégias de sobrevivência dessas pessoas.

Algumas conclusões

As observações obtidas nesta primeira fase nos permitiram um aprofundamento dentro de um ambiente que externamente e no imaginário social parece não apresentar diferenças. Até o momento vimos que as relações sociais não são simples e diretas, mas possuem graus de complexidade. A observação atenta das trajetórias de vida dos trabalhadores se constitui em meio muito importante para sabermos como os entrevistados chegaram à situação atual de suas vidas e o que esperam do futuro.

As observações que foram feitas no primeiro campo de pesquisa nos permitiram entender um pouco sobre a dinâmica da favela, de modo que, através das entrevistas pudemos tomar conhecimento sobre como se foi dando as delimitações sócio-espaciais do ambiente, por meio das ocupações feitas pelos moradores que chegaram primeiro ao local. Através dos relatos sobre a história do local buscamos saber dos entrevistados uma comparação em relação ao momento atual e os primeiros dias no local, da mesma forma sobre suas vidas no local de origem e no Rio de Janeiro. Vimos que os moradores entrevistados apresentaram uma visão otimista em relação ao momento presente, apesar das dificuldades eventuais como problemas familiares ou de trabalho.

O trabalho etnográfico nos possibilitou perceber que a pobreza e a desigualdade dentro da favela não são elementos isolados - pois a dinâmica do local é fundamental e ela está intimamente relacionada com essas duas características - uma vez que dentro desses espaços atuam outros mecanismos de poder que não os constituídos na sociedade. Portanto, a desigualdade pode ou não se acentuar na medida em que as regras estabelecidas de organização local variam, dessa forma as famílias que vivem em situações de pobreza ou extrema pobreza e até mesmo as de classe média podem ter suas condições sócio-econômicas alteradas. Nas próximas fases objetivamos analisar se essa dinâmica se repete em outras favelas e de que forma ela se assemelha e diverge. Do mesmo modo, pretendemos observar as trajetórias familiares e como ocorreu a organização sócio-espacial do ambiente.

Referências (bibliografia básica):

1. FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante in ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.
2. HEYE, Ana Margarete. A Questão da Moradia Numa favela do Rio de Janeiro ou Como ter Anthropological Blues Sem Sair de Casa in VELHO, Gilberto. *Desafio da Cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.
3. DAMATTA, Roberto. O ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” in NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar 1978.
4. BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
5. BURGOS, Marcelo Tadeu Baumann (org.). *A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
6. FERREIRA, Maria Inês Caetano. *Trajetoárias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite da Capital paulista*. Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 2004, mimeo.